



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Escritos sobre a religião dos Orixás e Voduns

Dr. Carlos Eugênio Marcondes de Moura¹

Resumo: relação de coletâneas organizadas pelo autor (1981/2005) sobre religiões brasileiras de matriz africana. Suas traduções sobre a temática das religiões dos orixás e voduns no Brasil, em Cuba e na antiga Costa dos Escravos, África Ocidental. Referência à Casa das Minas, fundada em São Luís do Maranhão pela Rainha Agontimé, da dinastia reinante em Abomé, antigo Daomé, hoje Benin, e vendida como escrava, chegando ao Brasil antes de 1818. Relação de traduções do

1. Doutor em Sociologia pela FFLCH-USP, pós-doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Brasileiros (USP). Graduado em Interpretação pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Foi professor do Curso de Teatro da Universidade Federal do Pará e do Departamento de Artes Cênicas, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Carlos Eugênio Marcondes de Moura

autor sobre o candomblé e da bibliografia por ele levantada sobre o tema.

Palavras-chave: religiosidade afro-brasileira e afro-cubana; coletâneas; traduções; Casa das Minas; bibliografias.

A temática das religiões brasileiras de matriz africana há muito vem sendo objeto de grande interesse de minha parte e resultou na publicação, entre 1981 e 2005, de coletâneas por mim organizadas, com escritos de ialorixás, um babalorixá, historiadores, sociólogos, antropólogos e etnobotânicos, relativos aos mais diferentes aspectos destas religiões. Constan, entre tantos deles, a título de informação, os textos *Análise formal do panteão nagô*, *Organização do grupo de candomblé: estratificação, senioridade e hierarquia*, *A filha-de-santo*, *Voduns da Casa das Minas*, *O culto dos ancestrais na Bahia: o culto dos Eguns*, *As artes da adivinhação: candomblé tecendo tradições no jogo de búzios*, *A cor do axé: brancos e negros no candomblé de São Paulo*, *Transformações dos voduns do mar e do trovão na área Gbe e no candomblé jeje da Bahia*, *Voduns da Casa das Minas*, *De Yjá Mi a Pomba Gira: transformações e símbolos da libido*, *Uma saída de iaô em uma aldeia nagô no Daomé*.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Escritos sobre a religião dos Orixás e Voduns

Este interesse também se manifestou pela religiosidade cubana, igualmente de matriz africana, e traduzi da conhecida pesquisadora Lydia Cabrera os livros adiante relacionados. Do pesquisador francês Bernard Maupoil traduzi o livro fundamental sobre a adivinhação na antiga Costa dos Escravos (África Ocidental) e do notável pesquisador e fotógrafo Pierre Fatumbi Verger o estudo comparativo sobre o culto dos Orixás e Voduns na Bahia e na Costa dos Escravos.

Pierre Fatumbi Verger (Paris, 1902 – Salvador, 1996) abre a coletânea *As senhoras do Pássaro da Noite*, a ser reeditada brevemente pela Arché Editora em coedição com a Editora da Universidade de São Paulo.

A escritora americana Judith Gleason, interessada nas religiões de culto a orixás e voduns, realizou pesquisas de campo na Nigéria e na República do Benin, antigo Daomé. É de sua autoria o livro *Agontimé: Her Legend*, por mim traduzido, ao qual dei o subtítulo de *Rainha na África, Mãe-de-Santo no Maranhão*. Trata-se da biografia romanceada da rainha Agontimé, uma das inúmeras rainhas-consortes do rei Agonglo, que reinou em Abomé, no Daomé, entre 1789-1797. Muito idoso, o rei não sabia como indicar um de seus muitos filhos como sucessor. Consultou o oráculo e o designado foi o

Dr. Carlos Eugênio Marcondes de Moura

príncipe Ghezo, então um menino, sem condição de assumir o trono. Consultado novamente, o oráculo indicou o príncipe Adandozan, que assumiu a regência até a maioridade do menino. Revelou-se um déspota e detestava a rainha Agontimé, mãe do príncipe Ghezo. Manteve-a em cativeiro durante cinco anos e mandou vendê-la como escrava, além de outros membros da família dela, para as remotas e então desconhecidas Américas. O primeiro ato do jovem rei Ghezo, ao ser entronizado, foi enviar uma comitiva em busca de sua mãe. Durante certo tempo a comitiva percorreu as Antilhas, Caribe, Guianas, Venezuela e entrou no Brasil por Roraima. ■ Chegando ao Maranhão, os emissários ali encontraram a rainha Agontimé, que antes de 1818 fundou em São Luís a Casa das Minas, até hoje existente e um dos templos mais antigos do Brasil de culto aos voduns, internamente conhecido como Querebentã de Zomadônu. O templo foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Zomadônu é o vodun a quem a rainha Agontimé pertencia. Ela foi levada de volta a Abomé, na qualidade de rainha-mãe, e lá foi recebida triunfalmente. Seu pequenino trono está exposto na Sala dos Tronos do Museu Histórico de Abomé. A tradução do livro *Agontimé e sua lenda. Rainha na África, Mãe-de-Santo*

no Daomé foi submetida à apreciação de Arché Editora tendo em vista sua publicação.

Relação das coletâneas

Olóòrìsà. Escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo: Ágora, 1981.

Bandeira de Alairá. Outros escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo, Nobel, 1982.

Candomblé: desvendando identidades. São Paulo: EMW Editores, 1987.

Meu sinal está no teu corpo. São Paulo: Edicom - Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

As senhoras do pássaro da noite. Escritos sobre a religião dos orixás V. São Paulo: Axis Mundi Editora – Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

Leopardo dos olhos de fogo. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

Candomblé: uma religião do corpo e da alma. Tipos psicológicos no candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

Cultos aos orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

Dr. Carlos Eugênio Marcondes de Moura

As duas edições da Pallas, supracitadas, são, por assim dizer, coletâneas de coletâneas e incluem ensaios publicados em outros livros da série.

Somavó: o amanhã nunca termina. São Paulo: Empório de Produção, 2005.

Traduções

Lydia Cabrera. *Iemanjá e Oxum*. Ialorixás, babalorixás e olorixás. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

Lydia Cabrera. *A Mata*. Notas sobre as religiões, a magia, as superstições e o folclore dos negros criollos e o povo de Cuba. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

Bernard Maupoil. *A adivinhação na antiga Costa dos Escravos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

Pierre Fatumbi Verger: saída de Iaô. Cinco escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo, Axis Mundi, 2002, ilustrado com dezenas de fotografias de sua autoria.

Pierre Fatumbi Verger. *Notas sobre o culto dos Orixás e*

Voduns na Bahia de Todos os Santos, Brasil e na antiga Costa dos Escravos, África. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

Publicações na área de História e Bibliografia

A importância das imagens do negro é objeto do livro *A Travessia da Calunga Grande. Três séculos de imagens do negro no Brasil* (1639-1899). 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. Publicação de grande formato, foram catalogadas 2.500 imagens e reproduzidas 500, a cores e em branco e preto. Minha tese de pós-doutorado, realizada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, resultou na publicação deste livro. Uma das imagens é de extrema importância para o estudo das religiões afro-brasileiras. Trata-se de uma aquarela do artista plástico Zacharias Wagener, que integrou a comitiva do Conde Maurício de Nassau por ocasião da invasão holandesa do Nordeste no século XVII. Intitulada Negertanz (Dança de negros), o artista assim a descreve:

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Carlos Eugênio Marcondes de Moura

Quando os escravos têm executado, durante a semana inteira, a sua penosíssima tarefa, lhes é concedido o Domingo como melhor lhes aprez, de ordinário se reúnem em certos lugares e, ao som dos pífanos e tambores, levam todo dia a dançar desordenadamente entre si, homens e mulheres, crianças e velhos, em meio de frequentes libações duma bebida muito açucarada, e que chamam Grape consomem assim todo o santo dia, sem cessar, a ponto de muitas vezes não se reconhecerem, tão surdos e ébrios eles ficam.

A *Grape*, bebida muito açucarada, seria a inocente garapa...

■ Segundo o historiador Renê Ribeiro (*Cultos afro-brasileiros do Recife*. Um estudo de ajustamento social. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978), esta *Negertanz* é, na verdade, uma roda de Xangô, designação de uma das muitas religiões afro-brasileiras de Recife:

o mesmo círculo de dançarinos a se movimentar para a esquerda com as atitudes coreográficas características, idêntica posição dos ogan-ilu a tocarem dois atabaques do tipo comum em toda a África Ocidental e um agogô, a jarra de garapa ao lado dos tocadores, a mesma posição e atitude do sacerdote.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Escritos sobre a religião dos Orixás e Voduns

Afro-negros: seus descendentes: Brasil. Uma bibliografia. 1637-2011. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2012.

Consta desta publicação, entre muitos temas, uma extensa relação de títulos de livros, capítulos de livros, artigos de revistas e outras publicações periódicas, dissertações de mestrado e teses de doutorado, filmes e exposições, relativos aos mais diferenciados aspectos do candomblé.

■